

O GRITO EM IVINHEMA: ASPECTOS DE UM COTIDIANO EM FORMAÇÃO

O GRITO IN IVINHEMA: ASPECTS OF AN EVERYDAY TRAINING

Alexandre Pierazan¹
Dayara Meira dos Santos²

RESUMO: Trata-se de uma análise de 11 das 16 edições do jornal *O GRITO*, periódico que circulou no município de Ivinhema/MS entre os anos de 1970 e 1971. O trabalho objetivou identificar e demonstrar como as publicações apresentavam informações de interesse geral da população da época, enquanto a temática irreverente explicitava o propósito de formação de uma sociedade moral e eticamente vinculada à ideia de desenvolvimento nacional.

Palavras-chave: História; *O Grito*; jornal; Ivinhema-MS.

ABSTRACT: It is an analysis of 11 of the 16 newspaper editions *O GRITO*, newspaper circulated in the municipality of Ivinhema /MS between 1970 and 1971. The study aimed to identify and demonstrate how the publications had information of general interest to the population time, while the irreverent theme explicit purpose of forming a moral society and ethically linked to the national development.

Keywords: History; shout; newspaper; Ivinhema-MS.

¹ Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Professor Adjunto do Curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Nova Andradina – UFMS/CPNA.

² Graduada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Nova Andradina – UFMS/CPNA.

INTRODUÇÃO

O município de Ivinhema³, originário do Estado de Mato Grosso, antes da divisão de 1977, permite observar com clareza o contexto cultural e político do auge do processo de desenvolvimento nacional. O olhar sempre direcionado ao futuro fez homens e mulheres mortificarem aspectos da trajetória com vistas a uma sociedade baseada no trabalho e no progresso. O passado, lugar da memória e das dificuldades, projetava um modelo de sociedade pautado no desenvolvimento e na produção agropecuária. Mesmo os registros mais extravagantes podem conter os modelos e contra modelos impressos no imaginário coletivo. O historiador Ciro F. Cardoso destacou a relação intrínseca do texto e o portador de discurso:

Um documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente. O historiador deve sempre atentar, portanto, para o modo através do qual se apresenta o conteúdo histórico que pretende examinar, quer se trate de uma simples informação, quer se trate de idéias. A história é sempre texto, ou mais amplamente, discurso, seja ele escrito, iconográfico, gestual etc., de sorte que somente através da decifração dos discursos que exprimem ou contêm a história poderá o historiador realizar seu trabalho (CARDOSO, 1997, p. 377).

A escrita, publicação e circulação do periódico *O Grito* (1970 e 1971) exprime um modelo de sociedade pautada nas regras de convivência, nas intrigas e na extravagância explícita das mazelas sociais. É uma valiosa fonte de estudo por oferecer um quadro das transformações rurais e urbanas do período compreendido. O referido jornal servia de espaço de socialização do indivíduo com a comunidade, uma espécie de diário das controvérsias, como se verá adiante. Ao tentar decifrar os discursos, evidenciou-se o sentido linear e evolutivo do texto jornalístico, interagindo com as comunidades e ao mesmo tempo corroborando com as teses do Plano Nacional de Desenvolvimento⁴.

A FLORESTA E O URBANO: EMANCIPAÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA DE IVINHEMA – MT

A grande floresta recuou diante do anseio de desenvolvimento dos colonizadores. Ivinhema, como outras cidades, fez parte de um projeto maior de desenvolvimento e ocupação, tendo sido originária de colonizadoras particulares. Esse grande intento da política varguista sorveu interesses de homens e mulheres interessados em adquirir fortuna, um verdadeiro sonho do *El Dorado*. No ideário, o povoamento local, ocupado, justificava a existência dos responsáveis, uma espécie de organizadores da vida e da morte no povoamento nesta “Terra Prometida”.

³ Conforme BITTAR, Marisa. Mato Grosso do Sul: a construção de um Estado. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009, o significado de Ivinhema: “Terra há muito desejada” ou ainda a “terra prometida”.

⁴ O Plano Nacional de Desenvolvimento, instituído pela Lei 5.727, de 1971, foi iniciado em 1970, em suas Metas de Governo. O Plano apresentado convergia com o discurso progressista da colonização das terras da região sul de Mato Grosso.

Somente em 1960 a colonização de Ivinhema passou de movimentos esparsos para a institucionalidade, principalmente quando a SOMECO S/A (Sociedade de Melhoramento e Colonização), propriedade do paulista Reynaldo Massi⁵, adquiriu os direitos até então pertencentes a José Amando Simões. O Estado brasileiro fomentou a participação de imobiliárias e empresas do ramo para que empreendessem a colonização, tanto no Paraná quanto no Mato Grosso. De posse da Imobiliária, amparado pelo aparato estatal da época, Reynaldo Massi, via SOMECO, passou a incorporar ao patrimônio da empresa às terras que até então pertenciam à Colônia Agrícola Nacional de Dourados⁶.

Vislumbrado pelas oportunidades de ampliação comercial de seus empreendimentos, Reynaldo Massi promoveu estudos topográficos no intuito de alocar adequadamente os recursos financeiros a serem investidos. Motivado pelo sonho de uma “Terra Prometida”, a perspectiva econômica certamente motivou uma integração na colônia. O planejamento de um programa de ocupação e venda de lotes servia de carta de visita aos novos colonos que chegavam. A SOMECO S/A possuía a responsabilidade de fomentar a propaganda, para atrair produtores, bem como organizar a infra-estrutura necessária para motivar o sentimento de uma nova cidade. Durante a década de 60 e 70, os interessados em adquirir terras em Mato Grosso, eram atraídos pelo imaginário da *fortuna*, amplamente vinculada à idéia de desenvolvimento. Não obstante, a mais remota idéia de “cidade” ensejava o propósito de desenvolvimento desta “Terra Prometida”.

As projeções da época estipulavam uma área urbanizada ocupada por uma população estimada em 60.000 habitantes⁷. Servindo-se das técnicas de engenharia da época, a iniciativa de povoamento contava com o apoio de especialistas em urbanização para dar credibilidade documental às argumentações direcionadas aos visitantes. Para fomentar a imagem de uma “Terra muito desejada” as planilhas, mapas, demonstrações cartográficas e topográficas foram fundamentais para incrementar a venda de lotes, como ainda relembra com saudosismo e encantamento a autora do livro sobre a família Massi:

Depois de mandar fazer um estudo da região próxima ao rio Ivinhema, ele chegou a conclusão de que aquele era o lugar ideal. Seriam constituídas oito glebas de 4 mil a 8 mil hectares, divididas por pequenos lotes de, no máximo vinte alqueires. Cada uma das glebas teria o seu próprio centro urbano os lotes foram vendidos a baixo preço, com facilidades a pequenos produtores (MASSI, 2000, p.88).

⁵ Descendente de italianos, mas nascido em São Paulo, proprietário de várias empresas, dentre elas destacam-se as relacionadas ao ramo agrícola, como armazéns e, por fim, a colonizadora (SOMECO S/A). Além de Ivinhema, suas iniciativas comerciais fomentaram aglomerações humanas que acabaram por originar a cidade de Diamante do Norte, no Paraná, e Ivinhema no Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul. Mais informações e dados factuais podem ser encontrados no livro da família: MASSI, Sandra Maria. Reynaldo Massi: Meu Pai. São Paulo: Tempo & Memória, 2000).

⁶ Conforme LENHARO, Alcir. Colonização e Trabalho o Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro Oeste. Campinas: Editora da UNICAMP, 1985, foi implantada em julho de 1948, isto de acordo com as escrituras públicas lavradas as folhas 4 e 6 do livro 643 do tabelião Nobre, em São Paulo.

⁷ Francisco Prestes Maia, conhecido pela alcunha de Dr., era engenheiro, experiente em negócios imobiliários, após a instalação de Ivinhema ocupou por longos anos o cargo de Diretor de Obras.

O esforço técnico para demonstrar a viabilidade da área ocupada pela SOMECO S/A e para elaborar o plano de ocupação os administradores ofereceram terras financeáveis e a preço razoável. Esta campanha de povoamento surtiu os efeitos desejados pelos colonizadores: os novos moradores, trabalhadores e desbravadores, iniciaram o desmatamento das matas virgens. O Histórico do Município é categórico ao afirmar:

Com a chegada das primeiras turmas de trabalhadores braçais em 1961, iniciou-se a derrubada da mata virgem, começo da realização do sonho que estava destinado a ocupar um lugar de destaque na economia matogrossense e brasileira. A golpes de machados, foices, enxadões e outras ferramentas manuais foi aberta uma clareira em plena mata virgem a fim de servir de campo de pouso para pequenos aviões, único meio de transporte que se poderia utilizar para se chegar a região. No dia 23 de agosto de 1961 pousou o primeiro avião trazendo os administradores da empresa que iriam coordenar, intensificar e fiscalizar os trabalhos da derrubada (Histórico do Município de Ivinhema, cedido pela SOMECO, p. 01).

Os trabalhadores dos campos vieram para dar vida a uma visão cartográfica e documental da “Terra prometida”. O empreendimento contava com o apoio institucional brasileiro, que passou a financiar e propiciar a aquisição de lotes rurais a um preço atraente aos olhos dos paranaenses, paulistas, japoneses, paraguaios e mineiros. Somente em 1963 foi celebrada a primeira Missa campal presidida pelo Padre Aldegrige Baggio. Em novembro de 1963, portanto, o governo do Estado sanciona a Lei nº 1.949, dando vida institucional ao município de Ivinhema, que só seria instalado definitivamente em 1965. Estas iniciativas colonizadoras estavam diretamente vinculadas aos interesses políticos nacionais em um momento de expansão das fronteiras imaginárias e territoriais brasileiras.

“O GRITO” DE IVINHEMA-MT

Imaginariamente organizada para compor o rol das cidades de características urbanas em Mato Grosso, os habitantes daquela localidade passaram a elaborar os instrumentos de interlocução inerentes aos centros urbanos. O jornal, símbolo da idéia de cultura, civilidade e urbanidade, foi utilizado para estreitar os laços entre os habitantes. E, em junho de 1970, o jornal *O Grito* passou a ser escrito e distribuído aos desbravadores instalados nas terras pertencentes a SOMECO S/A. Este periódico, de escrita modesta, tratava de assuntos relativos ao campo e à cidade, além de noticiar fofocas e aniversariantes.

Normalmente a cidade era brindada com duas ou três edições mensais. Mas, de periodicidade incerta, a partir de outubro de 1970 *O Grito* passou a ecoar com menos frequência nas ruas de Ivinhema, isto devido a perda de alguns membros que colaboravam com sua montagem, como mostra o trecho retirado da edição de número 14 publicada em 19 de fevereiro de 1971:

A DEMORA: Trago em primeira página as minhas escusas pela longa demora entre a 13ª e 14ª edições. Acontece que meus redatores entraram em férias e fiquei em branco por um longo período. Depois de tudo isso, perdi uma importante peça⁸ de minha confecção, que é a já conhecida Eulina, ficando, portanto faltando um braço na máquina. Por outro lado, parece que os colaboradores, com excessão de Da. Alice, não ter mais amor em mim, apenas pedem minha presença, mas não escrevem mais nada, não dão sugestões, em fim, como sou pequeno e inesperiente, deixam-se a sos e reclamam que sou demorado, que estou escondendo ou com vergonha de sair à rua como se fosse uma criança envergonhada. Mas, queridos leitores, tem importância, não. Levando tombos tropeçando, dando esbarrões com os que atravessam em meu caminho vou indo em minha caminhada, às vezes demorada, mas enquanto houver leitores estarei de cabeça erguida e farei tudo para contentá-los, custe o que custar. É que acredito, que só vencemos quando lutamos, por isso lá vou eu, mal redigido, devorado, atrasado, mas estou com os leitores. Isso é o que me deixa realizado, contente e dá-me coragem para sair capengando pela rua e contente com todos que me prestigia e corrigem meus erros. Muito obrigado leitores e ivinhenses de boa vontade e desculpe-me o atrazo “O GRITO” (Trecho do Jornal *O Grito*).

O trecho é de autoria indefinida, não identificada, mas subtende-se a percepção do leitor e a identidade de quem escreveu o texto. Uma apropriação justa ao conceito de Norbert Elias, *configuração*, talvez possa parecer mais provável, pelo nível das *teias de interdependência* a que estão submetidos indivíduos em uma sociedade mentalmente projetada para incorporar e propor modelos ditos civilizacionais. Nesse vestígio, *O Grito* expressa esperanças de urbanidade e civilidade em meio ao desbravamento das matas virgens de Ivinhema. Configuração específica que envolveu engenheiros, patrões, administradores e trabalhadores, originando um pacto informal pela edificação de uma cidade, com meta para 60 mil habitantes. Embora não haja a identificação de autoria, este está configurado pela familiaridade, pois, conforme Robert Darton, o texto jornalístico é uma narrativa de “segunda mão”, caracterizando-se como o relato “de alguém sobre o que aconteceu” (DARTON, 1990, p. 18).

O jornal vivia a expensas de patrocinadores, em numero variável: a edição numero 2 contou com 18 anunciantes, o maior número registrado entre as edições. Permaneceu oscilando entre 16, 10 e 11, chegando a 6 anunciantes na edição numero 14, oito meses depois da primeira edição de *O GRITO*. Os valores depositados pelos anunciantes foram ignorados, em virtude da ausência de documentação. Porém, mesmo diante da dificuldade de edição, a assiduidade dos patrocinadores manteve-se como o principio da matéria. Da 16ª edição em diante foi notificada a mudança de direção, ficando esta a cargo dos estudantes do “Ginásio de Ivinhema”.

O público consumidor e/ou alvo do jornal seriam os leitores mais abastados, visto haver poucas referências aos mais pobres. O jornal integra o meio ao qual é produzido, pois sendo “a linguagem e a natureza do conteúdo tão pouco se dissociam do público

⁸ No decorrer das análises percebemos que há várias palavras e termos descritos de forma errada no Jornal O Grito, para manter a originalidade da fonte e não interferir no texto que a mesma faz constar, nossa opção foi por manter a escrita da fonte da forma como ela se encontra nas edições por nós analisadas, pode-se atentar à várias justificativas para tais equívocos, como o árduo trabalho tipográfico, as regras gramaticais no período, a falta de experiência com os modernos meios da imprensa das pessoas que ali trabalhavam, entre outros, portanto, em outros momentos no decorrer da fonte também aparecerão erros e equívocos que mantivemos em nosso texto.

que o jornal ou revista pretendem atingir” (LUCA, 2005, p.140). Na mesma linha de pensamento observa-se o público atingido, considerando que: “tais determinações, que regulam as práticas, dependem das maneiras pelas quais os textos podem ser lidos diferentemente pelos leitores que não dispõem dos mesmos utensílios intelectuais e não entretêm uma mesma relação com o escrito” (CHARTIER, 1990, p. 179).

O jornal ainda fazia às vezes de serviço de utilidade pública, pois sempre trazia informativos sobre os “Atos Legislativos de Ivinhema” com resumos das atas de sessões da Câmara Municipal, vindo a reforçar a hipótese de ser um jornal escrito para os mais abastados da época, o que nos leva a imaginar também que o jornal sofria influência da política de situação ivinhemense, pois poucas foram as críticas feitas pelo jornal a situação política da cidade.

As publicações ainda tratavam de noticiar alguns casamentos e nascimentos da cidade, sempre fazendo questão de enfatizar a importância da união para a cidade, como mostra as imagens capturadas das páginas 04 e 06 da edição de número 04, de 04 de agosto de 1970:

CASAMENTOS

Ivinhema continua de parabéns no seu mês de julho. No dia 25, sábado, na Capela São Paulo, casaram-se Gessy e Zelito. A noiva chamou a atenção dos presentes e por sua espontaneidade, juventude e graça. Na simplicidade de seu sorriso de quase menina-moça ainda, trouxe lágrimas aos nossos olhos que a viram ainda ontem brincando em companhia de outras crianças. Zelito, considerado já um ivinhemense de primeira, sério e digno como a ocasião exigia, não deixou, ao lado dos padrinhos de ostentar toda a comovente felicidade que lhe ia na alma por ver finalmente coroado o seu sonho de ventura.

Sr. Aquilles, como sempre, distinto e em evidência levou com garbo, sua primeira filha ao altar, e não deixou que a emoção empanasse o mais belo dia da vida de sua Gessy.

O carinho e alegria com que foram --
brindados, tantos os noivos como suas famílias
(cont. na página 6)

(cont. da pág.)

CASAMENTOS

mílias, demonstram o quanto são estimados e conceituados na região, transbordando calor humano e amizade.

Entre os convidados notamos a presença da Sra. Ivo Cerzózimo, que veio de longe honrar com sua presença simpática, tão -- venturoso acontecimento e trazer aos noivos e família o abraço de seu espôso o deputado Ivo Cersózimo, que infelizmente -- não pode comparecer.

Gessy e Zelito, nossos sinceros parabéns à vocês que, unindo suas vidas, vão construir mais um lar em Ivinhema. Um lar cheio de ventura, simplicidade e calor, -- legados por suas famílias que já por tanto tempo fizeram de Ivinhema a sua terra.

Que Deus os Abençoe.

Fonte: Jornal *O Grito*, Ivinhema - MT, Número 04 de 04/08/1970, p. 06

Na mesma edição do jornal, há outra nota de casamento que ocupa três linhas:

.....
Día 27 o Sr. Luís Grande e a Srta. Iodemila Moisés, realizaram seus sonhos, unindo suas vidas através do matrimônio.
A todos, sinceras congratulações de
"O GRITO"

Fonte: Jornal *O Grito*, Ivinhema – MT, Número 04 de 04/08/1970, p. 04.

A diferença na ênfase das notas seria influenciada pela importância dos noivos e suas famílias na cidade ou ainda pela representatividade de sua festa e seus convidados? É certo que não existe imparcialidade, mesmo porque ao escrever escolhe-se sempre o que retratar.

A segunda edição do jornal *O GRITO*, na coluna *UMAS E OUTRAS*, Alice Vaz de Melo destaca duas festas organizadas e realizadas pela juventude de Ivinhema. Nesta oportunidade a colunista afirma que a cidade está “jogada as traças” sem nenhum divertimento sadio, “sem alguém que se interesse por ela”. Ela propõe que mais reuniões como essa aconteçam, deixando de lado o motivo pelo qual o “fulano não se dá com seu pai”, com a finalidade de provar que “a sociedade Ivinhemense existe, vibra e quer aparecer com a graça de Deus”. Ainda na mesma coluna a autora menciona um conjunto chamado “Os vibra-sons”, que aparentemente não são prestigiados pela juventude da cidade:

Umas & Outras

(cont.)

Falando em juventude, ainda, o que acontece com o conjunto "Os Vibra- / Sons"? Os rapazes tocam direitinho, são esforçados, já foram animar muitos bailes aí por fora. Por que, então, a turma daqui não os prestigia? Será política? O que é que há minha gente? Vamos dar valor ao que é nosso.

E viva a juventude "Prafrentex" de Ivinhema.

Alice Vaz de Mello

Fonte: Jornal O Grito, Ivinhema – MT, Número 02 de 07/07/1970 S/p.

Será que ao escrever a coluna a autora estaria se referindo a qual classe jovem de Ivinhema? É do jovem abastado que movimenta a sociedade ou daquele jovem sem posição social, sem laços de amizade influente, sem vínculos comunitários de relevo, ou seja, sem "padrinhos".

Ao analisar o jornal *O GRITO* nota-se poucas referências aos festejos realizados no mundo rural. Nem 10% das 11 edições analisadas informaram ou relataram fatos ocorridos na parte rural do município, mesmo com uma população urbana que atingia aproximadamente 17% do total da população. As referências aos jovens urbanos são constantes, que invariavelmente deixavam de praticar as ações jovens por conta de brigas de família (provavelmente rixas por rivalidade política). Os atritos no cenário político da cidade também agitavam a população, como comenta o Sr. Josias Francisco, em entrevista cedida ao acadêmico Nelson de Lima Júnior no ano de 2012, quando questionado sobre as rivalidades políticas:

Ave Maria! Tinha uma rivalidade política, e outra, eu fiquei com o bar fechado trinta dias, com a energia paga. [...] Naquele tempo não chamava PMDB que nem hoje, é MDB, quando acabou a ARENA I e a ARENA II entrou o MDB, aí eu peguei e botei um arto falante elétrico ali, que eu tinha energia, e pedi que ele subisse na caminhoneta, deu cento e cinquenta pessoas, quase duzentas pessoas [...] aí no outro dia eles cortaram a energia porque eles era contra, eles era da ARENA. Aí eu fiquei trinta dias sem energia pra você vê como era a política, o cara corto a energia paga (ENTREVISTA: Josias Francisco, Ivinhema, 2012).

O jornal também deixou de considerar os alegres bailes que ocorriam nas glebas onde moças e rapazes dançavam e riam se divertindo no sentido mais amplo da palavra juventude. Será que os redatores das edições de *O GRITO* desconheciam as brincadeiras que os jovens faziam em frente suas casas, enquanto a família contava os últimos causos depois das novenas rezadas nos sítios? Brincadeiras essas que marcaram tanto a memória dos senhores ivinhemenses que hoje (em 2015) ainda se lembram com tanta alegria dessa época. Desconheciam, ou não davam importância para coisas que aconteciam a poucos quilômetros do umbigo do centro urbano (que não era tão urbano assim, considerando o tamanho da cidade).

Seja na análise das edições do jornal *O GRITO* de Ivinhema editado no ano de 1970 ou na análise de qualquer fonte histórica que relate sobre a convivência de pessoas, percebe-se as relações sociais de poder existentes, desde que a história das relações começaram a ser escritas. *O GRITO*, na verdade, não tratava somente da população ivinhemense e seu cotidiano, veiculava também notícias, fatos ou boatos de um determinado grupo de pessoas e suas ideias políticas e/ou sociais. O jornal *O GRITO* fazia parte desse cotidiano.

***O GRITO* – DIVERSAS FACES EM DISCUSSÃO.**

Sendo os jornais uma privilegiada forma para a divulgação de matérias voltadas para as transformações políticas ocorridas no Brasil, logo se observa um dos grandes diferenciais do jornal *O GRITO*: o jornal evita um posicionamento político literal. Embora nas primeiras edições o jornal tenha tratado de questões de interesse local, o texto era redigido com maior liberdade, embora reportando questões com as quais os editores se envolviam diariamente. Os “jornalistas”, por assim dizer, aqueles que de fato escreviam eram em sua maioria professores e alguns políticos, elaboravam textos para serem lidos por pessoas do seu convívio e alguns leitores de outro lugar da cidade.

Na medida em que a cidade ia crescendo, a necessidade de meios de comunicação era evidente, mesmo que para um grupo limitado. Além do mais, apesar da precariedade, as estruturas simples, as más condições que se tinham para fazer os jornais e a demora em se fazer chegar notícias às regiões mais distantes do país, a “pequena imprensa”⁹ desenvolveu papel de forte importância no registro dos acontecimentos e

⁹ Oficinas tipográficas de menor porte onde predominam os pequenos grupos ou iniciativas individuais. (SILVA; FRANCO: 2010. p.03)

das transformações pelas quais se passaram as cidades brasileiras. O jornal *O GRITO* não assume papel diferente, o grupo de editores escrevem de maneira livre, alguns colunistas eram mais diretos em suas palavras, outros se posicionavam mais misteriosos, talvez para não se comprometerem com suas opiniões expressavam seus pensamentos sobre determinados assuntos com certa ironia. Podemos tomar como exemplo disso dois trechos de colunas publicas na mesma edição de um jornal, onde os colunistas expressam suas opiniões sobre o mesmo fato, como relatado na edição de número 11 de 30 de outubro de 1970:

(Chapadão)

A consciência é um sentimento, a percepção interior do que se passa em nós ou do que conhecemos.

Diante deste conhecimento, nos basta saber se usamos ou não este sentimento. Geralmente usamos esse sentimento de forma diretamente proporcional ao nosso conhecimento.

Quanto mais atrasado for um ser humano, menos sentimento de percepção ele tem. A consciência limita-se a coisas banais e corriqueiras. Ele pode fazer uma ofensa sem sentir as consequências dela. Pode fazer "quebradeiras" com sentimento de estar sendo forte e valente. Pode esconder a verdade para sentir-se recompensado sem o sentimento de estar praticando falsidade. Pode fazer coisas erradas sem aperceber-se do erro. Pode até cometer um crime pensando ter feito vantagem por ter tido a coragem.

Essa consciência não passa de um instinto ou uma válvula de escape para a mente que tem grande capacidade de percepção, de dedução e de análise. Se não dermos vazão a essa capacidade, chegamos ao ponto da neurose e até da loucura. Portanto o homem tem a capacidade para ter sentimento, percepção, mas nem sempre tem conhecimento para empregar esta capacidade, passa a não ter sentimentos, a não aperceber-se das consequências de seus atos. Quando seu conhecimento é suficiente para aperceber-se disto dizemos que é uma pessoa consciente.

A partir disto concluímos que em nosso meio pouca gente é consciente e não podemos atribuir isto a maldade ou perversidade e sim à pouca educação e à reduzida cultura. Em nossa cidade, até os pais não têm um sentimento verdadeiro, correto

(cont. pag. 7)

Fonte: Jornal O Grito, Ivinhema - MT, Número 11 de 30/10/1970, S/p.

O colunista que assina como Chapadão, apesar de tratar de assuntos que poderiam gerar polêmica, usa de uma linguagem mais leve para abordar sobre o vandalismo ocorrido na cidade de Ivinhema. Enquanto na mesma edição do jornal outra colaboradora fala com mais agressividade sobre o mesmo assunto:

-Alice Vaz de Mello-

Há pouco tempo, o nosso cinema teve a oportunidade de exibir um filme que todos os moradores de Ivinhema deveriam ter assistido. O filme em questão foi: CACADA HUMANA onde se revela com toda crueza a indiferença, a maldade, o cinismo de um povo diante de acontecimentos que não chegavam a perturbá-lo senão quando os feria em sua própria carne, em seu próprio egoísmo. A indiferença chegou a tal ponto que nem o assassinato, o crime, chegou a despertar aquela gente.

Perguntarão vocês : Que temos nós - com isso ?

Exatamente o que eles também tinham com o que aconteceu. Não podemos absolutamente alegar completa ignorância do que - anda sucedendo em nossa cidade. Ouso afir-

mar que no passo que vamos, em breve estaremos às voltas com algo semelhante a um crime. Ninguém mais pode ir a um baile, a um cinema, à casa de um amigo, de carro, - tem que ir a pé, se quiser; pois está arriscando a ter seu veículo depredado, arranhado, amassado, de pneus vazios e outras coisas piores.

Outro dia sucedeu outro caso lamentável. Ao anoitecer acabaram com as carteiras das salas de aula e se não tivesse aparecido alguém, possivelmente teriam ido - mais adiante.

O que nos agita o sangue, nos enraivece é que ninguém vê, ninguém sabe, ninguém escuta... Nossos filhos que vão estudar aonde quiserem, e se quiserem que sejam criados nesse ambiente de vândalos, de criminosos, de cafagestes. Eu, você, todos

nós, somos, em parte responsáveis por esse estado de coisas. Que fizemos até agora para punirmos os culpados, para encontrarmos os donos da balbúrdia?

(cont. na p. 5...)

Onde estamos? Quem são os criminosos? Quem forma essa corja de vagabundos, imorais e irresponsáveis, sem respeito **nenhum** ao bem comum e à propriedade alheia? Até quando vamos aturar isso? É de seu conhecimento - que na outra noite o filho de um proprietário teve sua mão ferida à faca por um desses bandidos e teve medo de usar sua arma porque percebeu que um dos atacantes era menor?

Ou tomamos providências urgentes ou esse bando de salafrários tomará conta da cidade, dominarão nossos filhos com seu veneno, invadirão nossos lares e impedirão para sempre que essa cidade seja aquela que todos nós sonhamos.

Quem viu? Quem sabe? Ou só vamos tomar conhecimento depois de vermos a cor do sangue de um dos nossos?

Fonte: Jornal O Grito, Ivinhema - MT, Número 11 de 30/10/1970, S/p.

Enquanto um colunista fala em consciência, falta de cultura e “quebradeiras” a outra já faz referência as mesmas pessoas como criminosos, vagabundos e cafagestes. A diferença no tratamento do mesmo assunto e na mesma edição do jornal mostra a independência de cada colunista e a falta de entrosamento editorial da redação do jornal.

Ou seria proposital? Provavelmente no referido caso a diferença na forma de expressão de cada um esteja na liberdade que a Colunista Alice Vaz de Melo sentia ao escrever para determinado público. Filha de “pioneiros” da cidade, ela certamente não apresentava o mesmo comportamento temeroso, porque não acreditava em represálias.

Apesar de estar em circulação na pequena cidade enquanto a ditadura militar comandava o Brasil, não foi possível observar a influência da censura nas publicações de *O GRITO*. Nas 11 edições analisadas são quase inexistentes as publicações que fazem alguma referência ao país, a não ser para incentivar o patriotismo. Exceto uma publicação do colunista “Chapadão”, que trata especificamente da luta de classes no texto intitulado “Viver”. Menciona a existência de uma divisão em classes: enquanto uns lutam para viver outros vivem do conforto e luxo do trabalho alheio (*O GRITO*, edição de número 02, 07 de julho de 1970, Ivinhema – MT).

O escritor continua:

Procurando aprimorarmos a lógica, veremos que cada classe ou mesmo indivíduo tem sua parcela certa, mas que em cada um deles excessos ou faltas do que seja a finalidade básica do homem na terra. Podemos concluir que viver é lutar, mas não somente lutar, pois temos que cultivar as nossas necessidades mentais e fisiológicas e para isso necessitamos de conforto, do bem estar e da paz de consciência: mas para que tenhamos estas condições, necessitamos de manter o corpo com a via e com o ventre cheio. Para isso necessitamos lutar, onde fecha o ciclo. [...] Necessitamos conhecer tudo o que nos afeta, positivo ou negativamente, para sabermos aproveitar ou evitar. O conhecimento é a base de um bom viver, pois através dele é que adquirimos as necessidades de conforto e de bem estar [...] Podemos dizer que quem não lutou, não venceu, e não teve alegria e nem deu alegria a ninguém. Não viveu simplesmente. Passou pela existência, como passam os cães e os corvos (*O GRITO*, edição de número 02, 07 de julho de 1970, Ivinhema – MT).

Ao analisar a citação do autor, podemos perceber um convite claro que ele faz aos leitores para saírem do papel de espectadores de sua vida e tomarem o papel de atores, instiga-os a buscarem o conhecimento sobre sua realidade e a lutarem, com cautela para manter a sobrevivência, a integridade física e mental, mas lutarem na busca da sua liberdade. De maneira direta promoveu uma afronta ao Estado Brasileiro, sem que medidas drásticas tivessem sido tomadas pelas autoridades. Presente, mesmo lembrando características revolucionárias, um projeto linear de sociedade pautada no desenvolvimento e no progresso.

O jornal procurava levar informações e notícias em diversas áreas, fatos sobre a sociedade para a sociedade. Era uma forma de manter a classe social mais elitizada sempre informada sobre os acontecimentos dos seus. Trazendo algumas vezes, nas entrelinhas, assuntos que poderiam levar o leitor a refletir sobre sua situação. Como, por exemplo, na seguinte situação:

DESEMBURACANDO: Congratulamos com o Sr. Prefeito Municipal pelo bom trabalho que vem desempenhando a frente da Municipalidade. Além de outros trabalhos de grande monta, vem melhorando e desemburacando as estradas, concertando pontes e dando condições para o desenvolvimento agrário do Município. Continue assim, senhor Prefeito, para que no final da etapa possa tirar o chapéu e dizer: missão cumprida.

Por falar em buracos, lembramos também que o Presidente da Câmara Municipal, é contras as mesmas, pois para elimina-los, fez no meio da rua um grande monte de terra. Isso, Ovicto, da-lhe duro...

Mas enquanto, tapam muitos buracos, a turma de engenharia do Luiz Carlos, os faz as dúzias por aí, não tapa nem um. Enquanto isso, o Piereti continua com a construção do novo hotel, já estando quase pronta a sala para jogo de BURACO (*O GRITO*, edição de número 02, 07 de julho de 1970, Ivinhema – MT).

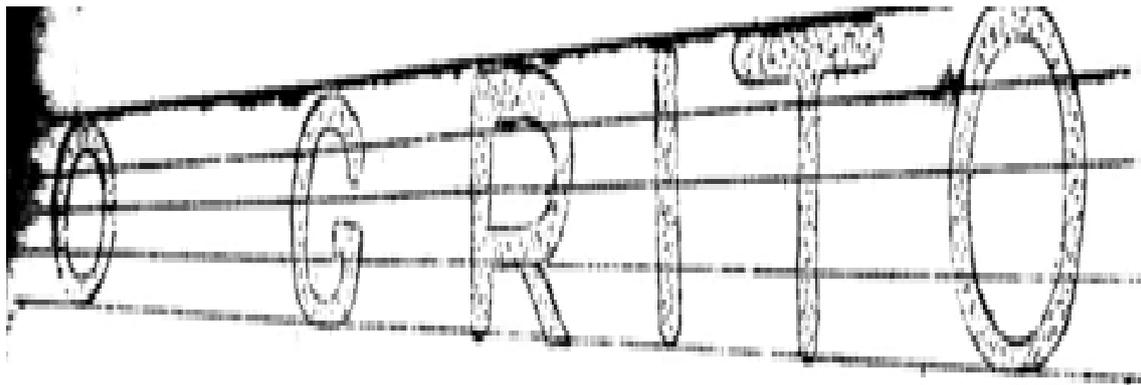
As quatro pequenas notas vêm separadas apenas por um traço, sem assinatura do autor. A linguagem utilizada pelo escritor cria a cena jornalística, um incitamento à vontade de expectador do jogo político, há uma transcendência moral e uma tensão entre a vida e texto (BALANDIER, 1982). Essa verificação é constatada no confronto entre o prefeito e o presidente da câmara. E mais, ao relatar jogos, diversões e confrontos pessoais o leitor, mesmo em jornal modesto, acaba por ser interpelado constantemente, transportando-se para a condição de protagonista da notícia.

O GRITO DOS ESQUECIDOS DA HISTÓRIA

As escassas notícias relativas ao entretenimento em Ivinhema eram somadas ao descaso em relação ao mundo rural. Os modelos de civilidade, amplamente difundidos no imaginário de progresso da época, eram encontrados nas edições, principalmente porque confrontam um mundo aberto do rural com as casas muradas do mundo urbano. *O Grito* destaca a conturbada existência do desordenado mundo rural, que aos poucos é domesticado pela muralha dos costumes da civilidade. Das 11 edições do jornal analisadas o assunto só é mencionado uma vez quando trata da construção de uma capela e de um salão para as quermesses. De outro modo, citavam-se os empreendimentos rurais que tivessem alguma vinculação ao moderno discurso do progresso, como exemplo as poucas vezes em que o jornal fez menção às reuniões do Centro Rural, feitos na ACARMAT (Associação de Créditos e Assistência Rural de Mato Grosso), pois essas eram consideradas conquistas para o desenvolvimento da região, voltando em forma de benefícios para os empreendimentos urbanos. Nesse processo de ocupação e colonização os órgãos de imprensa, de modo geral, reproduziram o sentido operacional de uma sociedade atenta ao progresso das estruturas urbanas, doando o rural de características rústicas e incivilizadas:

NOTÍCIAS RURAIS: Dia 26 de julho realizou-se mais uma reunião do Centro Rural da Cristina, que contou com grande número de associados. A reunião foi bastante animada e foi tratado de assuntos de grande importância para os agricultores daquela próspera localidade. O Sr. Mário Olívio, que entregou a presidência daquele centro, fez importante palestra, ressaltando a importância da união de esforços e do associativismo. Tendo naquele dia comemorado o 2º aniversário do Centro Rural, foi feito pelo presidente Mário Olívio um resumo das atividades nestes dois anos, demonstrando assim os benefícios trazidos pela associação. Foi apresentado um balancete do Centro pelo Tesoureiro, Sr. Waldemar Travain, que justificou plenamente as arrecadações feitas na compra do material escolar e desenvolvimento da juventude, através do clube 4-S. Foi tratado também do pedido de inseticidas diretamente da SHEEL e que acreditamos chegar, este ano as 25 toneladas. Por último foi feita a eleição da nova diretoria [...] (*O GRITO*, edição de número 04, 04 de agosto de 1970, Ivinhema – MT).

E o modo de vida dos moradores da zona rural? Esta especificidade só importa em relação ao modo de vida dito urbano, mesmo que as práticas rurais ainda estejam presentes no dia-a-dia dos cidadãos (plantio de hortaliças, criação de pequenos animais para alimentação etc.). *O Grito*, publicação vinculada ao mundo da cidade, ateu-se aos critérios do comércio, estimulando o consumo da educação, da moda, da decoração e da ciência. O mundo rural, inoculado, servia apenas de impulso para que o homem pudesse chegar ao brilho das luzes da cidade, como as mariposas que são atraídas pelo brilho da luz. Na edição de número 05, na nota de abertura aparece:



IVINHEMA - MT.

ANO - I - Nº 05 - 14 de agosto de 1.970 - Ivinhema - Mt.

PREFEITO PLANEJA

EXECUTA OBRAS PARA O PRESENTE E FUTURO DE IVINHEMA

Em entrevista, que foi também uma agradável palestra, com o Sr. Prefeito Municipal, a reportagem de "O GRITO", colheu informações verídicas do que está sendo realizado pela municipalidade, abrangendo

para a concretização da obra".

Com relação a esgoto, escoamento de águas pluviais e conseqüente controle à erosão, informou-nos o Prefeito que já entrou em contato com técnicos do Paraná,

os setores principais para um desenvolvimento definitivo.

No setor de LUZ E ENERGIA - disse o Prefeito: "foi o primeiro fruto colhido - das minhas viagens, a inclusão do município de Ivinhema no plano de expansão da rede de distribuição e estações rebaixadoras que partirá de Dourados nesta direção". Informou-nos ainda o Sr. Prefeito que, a concorrência pública para esta linha foi divulgada no Diário Oficial do dia 14 de julho e que tem como vencimento o dia 14 de agosto. Daí por diante a firma vencedora deverá partir para elaboração do projeto e posterior execução da obra.

ÁGUA- Este setor, encontra-se em fase de entendimento e coordenação entre Prefeitura e órgãos federais e estaduais para implantação da rede de distribuição de água potável aos habitantes citadinos. O Sr. Prefeito está com bastante otimismo e afirmou: "temos grandes possibilidades

para elaboração do projeto, que será financiado por órgãos federais especializados. Após isto, partirá para a implantação do projeto.

Já entrou em contato com firmas financiadoras na capital de São Paulo, para financiar em primeiro plano, a implantação de guias e sargetas e rede de escoamento de águas pluviais; em segundo plano a rede de esgotos.

Em relação à educação, afirmou: "Estamos iniciando a construção de três escolas, sendo uma na Vitória, uma no São Luizinho e outra no Jaborandi. Estamos também organizando a assistência e fiscalização e até o fim do ano pretendemos deixar todas as escolas antigas em perfeitas condições de funcionamento, com poço, merenda e material".

Quanto à parte rodoviária - afirmou: "partimos para a compra de um trator FIAT que deverá chegar até o fim deste mês, para
(cont. na pág. 07)

(Cont. da pág. 01)

na alargamento e construção de estradas, construção de atôrros e terraplanagem. Já adquirimos uma camioneta Chevrolet C - 14 e uma motoniveladora Caterpillar modelo - 12, que servirão para conservação das estradas já existentes. Estamos, também adquirindo mais uma camioneta, que terá a finalidade de transporte de diaristas, materiais, assistência escolar etc".

Referente à SAÚDE, continuou - "já entramos em entendimentos com um médico, através do Sr. Ovioto, para se estabelecer definitivamente no município"

Através destas informações que são reais, umas realizadas e outras realizadas em curto espaço de tempo, congratulamos com o Sr. Prefeito e sua Equipe, pelo interesse, que se confunde com as necessidades, com que vem desempenhando suas funções, fazendo o presente e assegurando o futuro do município e seus munícipes.

Fonte: Jornal O Grito, Ivinhema – MT, Número 05 de 14/08/1970, p. 01 e 07.

O progresso está relacionado à cidade. O mundo rural, dotado de rusticidade, é lembrado somente no escoamento dos produtos. A cidade é o local de aprendizado e estudo das crianças; é nela que as famílias realizam o sonho da compra de vestimentas; e, o comércio vende as tecnologias para o trabalho no campo. O futuro está na cidade, defende o prefeito. A melhor maneira de levar a “luz” ao mundo rural é expandir, de maneira rápida e generalizada, as esferas da vida cotidiana na cidade.

Nessa lógica de expansão do progresso a produção agrícola de monocultura recebia, em virtude do modelo de desenvolvimento nacional, um tratamento especial. Nesses tempos de influencia cultural do *Jeca Tatu* (personagem de décadas anteriores), um homem avesso aos hábitos de higiene, não usava sapatos e desprezava a lógica urbana e civilizada, *O Grito* buscava estimular o sentimento de pertencimento clamando a sociedade para a construção da cidade idealizada. As políticas públicas destinadas ao mundo rural tratavam da adequação do homem rude aos hábitos de consumo da cidade (perfumes, sapatos, roupas, sabonetes, desodorantes, creme dental etc). A agricultura, principalmente a monocultura, em contraposição à agricultura familiar do *Jeca Tatu*, era destacada pela técnica e pela reprodução da lógica do progresso da sociedade.

Essa modalidade de produção agrícola merecia destaque nas páginas do jornal, principalmente por refletirem diretamente na economia do município:

CLUBE 4 – FUNDADO NA ANGELINA: O núcleo colonial de Angelina é o lugar onde foi fundado neste mês o mais novo clube 4 – S do Município. [...] O movimento quatroessista é de âmbito nacional, tendo até filiações internacionais, e tem por sua finalidade a aprendizagem de técnicas agrícolas, desenvolvimento social e economia doméstica, para jovens de 10 anos acima. Por meio do clube 4 – S também se procura a preparar o jovem sócio para as responsabilidades do cidadão rural do futuro. [...] Em escala nacional o movimento dos clubes 4 – S é patrocinado pela Confederação Nacional de clubes 4 – S e pela associação brasileira de crédito rural. Em Mato Grosso o trabalho com clubes 4 – S é desenvolvido no nível local pela ACARMAT e Voluntários da Paz.[...] A diretoria de “*O GRITO*” manda seus melhores votos aos novos Quatroessistas, junto com a esperança que eles seguirão sempre a promessa dos Quatro Esses, a usar sempre a “INTELIGENCIA para melhor SABER; o coração para melhor sentir; e a SAÚDE para melhor SERVIR a minha pátria, minha família, minha Comunidade e a meu Clube 4 – S (*O GRITO*, edição de número 08, 15 de setembro de 1970, Ivinhema – MT).

A fundação do referido clube serviu para levar saúde, noções de higiene e técnicas de produção para estimular hábitos produtivos e organizados na vida do produtor rural. *O Grito* destaca a importância da vinculação nacional dos movimentos para acelerar o desenvolvimento do mundo rural. Ivinhema, uma cidade projetada inicialmente para 60 mil habitantes, não poderia negligenciar o papel da produção em larga escala.

As festas, as crenças e costumes do mundo rural não fizeram parte de *O Grito* de Ivinhema. Mesmo em uma comunidade eminentemente rural, os interesses da cidade prevaleciam. Esta omissão foi uma tentativa de minimizá-los. A população agrícola teve sua vida cotidiana ignorada. Os jogos realizados na cidade nos finais de semana, construção da quadra de esportes da ACRI, tudo detalhado pelo jornal. As glebas rurais não recebiam *status* de notícia, mesmo existindo diversas atividades rurais acontecendo, como revela o exemplo da Senhora Osmira Cardoso, que em entrevista cedida ao acadêmico Nelson de Lima Júnior, quando questionada sobre suas formas de lazer, ela relata que: “[...] a gente fazia festa, fazia quermesse quando foi feito o salão da igreja [...] fez um salãozinho lá, aí tinha quermesse, quase todo mês tinha quermesse [...] o baile de carnaval era assim” (ENTREVISTA: Osmira Cardoso, Ivinhema, 12/12/2012). Quando questionada sobre os torneios de futebol ela comenta: “tinha! Isso aí tinha, tinha bastante e a gente ia de caminhão lá pra Pedra Dura, pro Guiray (glebas da cidade), a gente ia jogar com o pessoal, era bem animado, isso aí era bem animado.” (ENTREVISTA: Osmira Cardoso, Ivinhema, 12/12/2012). Outro exemplo para o entretenimento rural era a tradicional festa de Santa Ana e São Joaquim, que segundo informações encontradas no site da Paróquia de Ivinhema, teve início no ano de 1969, e até hoje acontece na Gleba Vitória.

Os moradores da cidade contavam com o cinema, com um pequeno teatro, com os bailes do grêmio no clube da ACRI, com as “peladas” dos times de futebol nos finais de semana, com o jornal local, entre outras formas de entretenimento. Mas, as animadas quermesses estão somente na memória popular, deixadas no esquecimento.

Atraídos para Ivinhema atrás de ascensão econômica, em “busca de melhores condições econômicas e garantia de *status* na nova região” (LIMA: 2013. p.35), os que obtiveram êxito econômico foram observados pelo *O Grito* em texto de Alice Vaz de Melo:

Ninguém pode negar que, quase todos os moradores adultos de Ivinhema, vieram de outras cidades, outros ambientes, outras plagas... E sabe o que anda acontecendo com todos nós, através dos anos? Nós estamos nos transformando em verdadeiras ostras! Sim, podemos nos vangloriar de que estamos construindo um magnífico arquipélago. Uma ilha aqui, outra ali, etc [...] Vejamos: eu, você, quase todos ainda nos lembramos da pacata cidadezinha, onde todos se conheciam, se estimavam, discutiam (*O GRITO*, edição de número 06, 25 de agosto de 1970, Ivinhema – MT).

Apesar de Alice não estar tratando das particularidades do urbano e do rural na matéria citada, ela consegue chegar a uma definição adequada para a situação ocorrida com a população ivinhemense. Para a escritora a fusão entre migrantes e imigrantes colaborou para a formação de novos grupos, com identidades e características diferentes. Esta sociedade composta por (i)migrantes japoneses, paraguaios, portugueses, paulistas, paranaenses e nordestinos, opunha-se à imagem rústica do homem rural. Apesar da separação entre a população rural e urbana, tanto no que se refere ao espaço geográfico como no social, nota-se uma dependência entre ambas. O sitiante cultivava a lavoura e sustentava a economia local: produzia café, mandioca e milho. Para produzir dependia do comércio para adquirir mantimentos, ferramentas, materiais de construção, entre outros.

Uma sociedade essencialmente rural que sofreu mudança no quadro geral somente a partir da década de 1990, quando a cidade passou a receber levas significativas de moradores oriundos do campo. A política do latifúndio, estimulada desde a criação da cidade de Ivinhema, sintonizada à política nacional, contribuiu para o crescimento da população urbana em Ivinhema no século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornal *O GRITO* de Ivinhema- MT apresenta uma visão de sociedade pautada na lógica do progresso nacional. O desenvolvimento paulatino da sociedade é associado a incorporação dos preceitos e princípios do mundo urbano. O combate pela superação da rusticidade rural está intimamente ligado à produção tecnificada e ao controle e higienização do corpo do homem do campo.

Ao produzir notícias, boatos, eventos, entrevistas e informações *O GRITO* interagiu, mesmo que por pouco tempo, no longo processo de construção de uma identidade social e cultural da cidade de Ivinhema. Essa interdependência humana deu origem a uma configuração específica em Ivinhema. O urbano, atravessado pelo mundo rural, é dotado de superioridade, como revelam os saudosismos explicitados nos depoimentos colhidos entre os munícipes.

FONTES/PERIÓDICOS

- “O GRITO”, edição de número 02, 07 de julho de 1970, Ivinhema – MT.
- “O GRITO”, edição de número 04, 04 de agosto de 1970, Ivinhema – MT.
- “O GRITO”, edição de número 05, 14 de agosto de 1970, Ivinhema – MT.
- “O GRITO”, edição de número 06, 25 de agosto de 1970, Ivinhema – MT.
- “O GRITO”, edição de número 07, 05 de setembro de 1970, Ivinhema – MT.
- “O GRITO”, edição de número 08, 15 de setembro de 1970, Ivinhema – MT.
- “O GRITO”, edição de número 09, 30 de setembro de 1970, Ivinhema – MT.
- “O GRITO”, edição de número 11, 30 de outubro de 1970, Ivinhema – MT.
- “O GRITO”, edição de número 14, 19 de fevereiro de 1971, Ivinhema – MT.
- “O GRITO”, edição de número 15, 19 de março de 1971, Ivinhema – MT.
- “O GRITO”, edição de número 16, 28 de abril de 1971, Ivinhema – MT.

FONTES ORAIS

ENTREVISTA: Josias Francisco Rodrigues (Digital) Produção: Nelson de Lima Júnior, Ivinhema: 18/08/2012: 39 min. (sonorização). Nasceu e Rio Pardo. Minas Gerais é artesão, reside atualmente em Ivinhema-MS.

ENTREVISTA: Osmira Pereira Cardoso (Digital) Produção: Nelson de Lima Júnior, Ivinhema: 11/12/2012: 30 min. (sonorização). Nasceu em Regente Feijó, Estado de São Paulo é professora aposentada, reside atualmente em Ivinhema-MS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília: Ed. UNB, 1982.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. História e Análise de textos. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- DARTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LENHARO, Alcir. *Colonização e Trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1985.

LIMA JÚNIOR, Nelson. *Ivinhema a terra prometida ou o discurso utópico da empresa colonizadora aos migrantes (1957-1970)* (Graduação em História). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Nova Andradina, Nova Andradina, 2013.

LUCA, Tânia Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSK B. (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MASSI, Sandra Maria. *Reynaldo Massi, meu pai*. São Paulo: Tempo & Memória, 2000.

SILVA, Marcia Pereira da; FRANCO, Gilmara Yoshihara. Imprensa e Política no Brasil: Considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. *Revista História em Reflexão*: Vol.4 n. 8, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados jul/dez 2010.

Artigo recebido em: 23/11/2013

Artigo aprovado em: 09/12/2013